

## O(N)FICINAS DO BRINCAR: REINVENTANDO UM DISPOSITIVO

Camila Maggi Rech Noguez<sup>1</sup>, Gianluca Augusto de Oliveira<sup>2</sup>, Henriqueta Cristina Althaus Moutinho<sup>3</sup>, Lívia Anicet Zanini<sup>4</sup>, Marcia Pedruzzi Reis<sup>5</sup>, Paloma Bampi<sup>6</sup>, Tatiane Lindemann<sup>7</sup>

### RESUMO

Com a chegada da pandemia viral da Covid-19, suspenderam-se as atividades presenciais de um serviço-escola do Sul do Brasil. Isso impossibilitou a realização das Oficinas do Brincar, dispositivo de acolhimento de crianças e suas cuidadoras em grupo. Devido à falta de perspectivas quanto ao retorno das atividades presenciais coletivas, sentimo-nos convocadas a reinventar uma forma de estarmos juntos — através do meio *online*. Teríamos condições e recursos para acolher o grupo dos participantes nesta modalidade? Como transpor para o ambiente *online* as características que prezávamos tanto no trabalho presencial? Conseguiríamos manejar o dispositivo, neste novo formato, de maneira a manter seus efeitos terapêuticos? Neste trabalho, abordaremos a experiência das oficinas diante do desafio de transposição e transformação das Oficinas do Brincar para o contexto *online*. Percebemos a necessidade de pensar a constituição do enquadre, as maneiras de se fazer presente à distância, as possibilidades das crianças de exercerem uma função de semelhante umas para as outras, entre outros pensamentos que continuam sendo produzidos. A reinvenção desse dispositivo foi realizada a cada encontro, o que possibilitou novos territórios de escuta da infância nesse contexto de pandemia, potencializando as trocas entre e com as crianças. Com as câmeras e microfones ligados, tentamos construir consistência e manter o potencial do virtual, que sempre esteve presente no brincar das Oficinas.

**Palavras-chave:** infância; brincar terapêutico; grupo; online; pandemia.

---

<sup>1</sup> [canoguez@gmail.com](mailto:canoguez@gmail.com) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS);

<sup>2</sup> [gianluca.augusto@ufrgs.br](mailto:gianluca.augusto@ufrgs.br) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS);

<sup>3</sup> [henriqueta.althaus@gmail.com](mailto:henriqueta.althaus@gmail.com) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS);

<sup>4</sup> [liviaanicet@gmail.com](mailto:liviaanicet@gmail.com) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS);

<sup>5</sup> [marciapedruzzi@gmail.com](mailto:marciapedruzzi@gmail.com) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS);

<sup>6</sup> [paloma.bampi@gmail.com](mailto:paloma.bampi@gmail.com) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS);

<sup>7</sup> [tatiane.lindemann@gmail.com](mailto:tatiane.lindemann@gmail.com) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

## **ABSTRACT**

With the arrival of the Covid-19 viral pandemic, the face-to-face activities of a school service in southern Brazil were suspended. This made it impossible to carry out the *Oficinas do Brincar*, a welcoming device for children and their group caregivers. Due to the lack of prospects for returning to collective classroom activities, we felt the call to reinvent a way of being together — through the use of online devices. Would we have conditions, resources, to accommodate the group of participants in this modality? How to transpose to the online setting the characteristics that we valued so much in face-to-face work? Could we manage this dispositive, in this new format, in order to maintain its therapeutic effects? In this article, we will approach the experience of the group therapists in the face of this challenge, of transposition and transformation, of the *Oficinas do Brincar* for the online context. We perceive the need to think about the constitution of the framework, the ways of making present at distance, the possibilities of children to make use of the function of similar to each other, among other thoughts that we continue to produce. The reinvention of this dispositive was carried out at each meeting, which allowed new territories for listening to children in this pandemic context, enhancing exchanges between and with children. With the cameras and microphones turned on, we try to build consistency and maintain the potential of the virtual, which has always been present in playing.

**Keywords:** childhood; play therapy; group; online; pandemic.

*Recebido em 04/07/2020, aceito em 13/07/2020.*

## **Introdução**

Em março de 2020, a pandemia viral da Covid-19 impõe a necessidade de distanciamento social em países de todos os continentes. Muitas atividades se suspendem de pronto e não é diferente em um serviço-escola de Psicologia no sul do Brasil. Uma dessas atividades são as Oficinas do Brincar, com frequência semanal. Espaço esse de encontro entre crianças de várias partes da cidade, que carregam em si histórias e questões muito diferentes, mas que se reúnem no brincar, acompanhadas deicineiras atentas à possibilidade de enlances entre elas.

As oficinas terapêuticas com crianças, atualmente denominadas “Oficinas do Brincar”, são um dispositivo constituído há três anos na Clínica de Atendimento Psicológico da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Foram constituídas a partir da demanda de acolhimento de crianças que vinham pelas entrevistas iniciais dessa instituição. Essas crianças aguardavam muito tempo pelo atendimento — uma vez que, naquele momento, não havia terapeutas que pudessem atender à demanda de escuta que se agigantava na lista de espera da instituição. Desde ali, a equipe se viu convocada e desejava por criar este dispositivo como fundante de um estágio curricular em políticas públicas. Apontando para a polis — esse lugar onde os diferentes fazem política, construindo um comum e abarcando as singularidades de cada sujeito — destacam-se as composições e criações que tornem possível habitar tanto a cidade quanto um brincar junto. A clínica é também polis e faz parte desse processo de construção de infâncias e de discursos sobre o que é uma criança “normal” — e defender esse brincar é um ato político.

Durante a Oficina do Brincar, numa sala ao lado do anfiteatro — onde acontecem as Oficinas com as crianças — é ofertado um espaço de fala e compartilhamento para as cuidadoras que as trazem. Utilizamos o termo “cuidadoras” pois são em sua maioria mães, tias, avós, tias-avós, irmãs responsáveis por trazerem as crianças para a oficina. Nesse espaço, também algumas outrasicineiras as acompanham.

Com duração média de uma hora, numa oficina poderiam chegar tanto uma quanto oito crianças, entre 5 e 12 anos. Para poder acolhê-las, somos quatro oficineiras. Os encaminhamentos para o ingresso nas oficinas acontecem após uma discussão entre o terapeuta que a acompanha e a equipe das oficinas (composta por oficineiros e supervisores). A criança pode tanto chegar à instituição naquele momento através do dispositivo das entrevistas iniciais, quanto já estar em atendimento individual: o que buscamos é perceber se é indicada a necessidade de algum intermédio para fortalecimento de suas relações com outras crianças.

O lugar que foi se criando é um espaço de acolhimento de diferenças: apostamos nas diferentes posições frente a linguagem que cada criança se encontra, assim como das diversas posições sociais de cada uma, para que possam elas encontrar modos de formar laços e brincare. Nesse sentido, perguntamos junto de Kupfer, Voltolini e Pinto:

O que uma criança pode fazer por outra? Essa é a pergunta que deve ser respondida por todos os terapeutas que trabalham com crianças em grupo. Mais do que serem movidos por uma necessidade econômica [...] essa estratégia precisa fundamentar-se em sólidas bases teórico-clínicas. Se colocamos as crianças em grupos, isto se justifica porque vemos nessa reunião a possibilidade de provocar efeitos *entre* as crianças, para as crianças, dentro de certos objetivos terapêuticos. Ou seja, estamos supondo que as crianças podem ser terapêuticas umas para as outras quando colocadas juntas. (KUPFER et al., 2010, p. 97).

Oferta-se, na oficina, um momento de brincar, um intervalo para a experimentação. Intervalo desse jeito moebiano que pressupõe sempre uma continuidade, mas que permite à criança, ali naquele espaço com outras crianças apresentar-se diferente e inventar-se de outra forma. Máscaras e figurinos, apelidos e jogos, tudo que se oferta vai tendo um destino. Andar por cima das cadeiras ou correr como super aventureiros se constituem também como recursos. As intervenções vêm da ordem do possível, que é estar junto no meio daquele turbilhão que pede passagem, vivendo junto, por uma hora na semana, as vicissitudes do laço com o outro. E o prédio todo foi virando um grande dispositivo a se circular e com o qual operar, porque fomos descobrindo que — para o desespero das oficineiras — descer correndo as escadas também tinha sua importância, fazendo função e questão.

Fomos percebendo, ao longo deste percurso pelos brincares, a importância de nos acercarmos de alguns rituais que faziam ritmos e iam construindo tempos e marcos no espaço e nos corpos. Com um tecido de chita azul coberta de pétalas vermelhas e folhas verdes, fazia-se uma cortina para o palco que permitia demarcar a cena do faz de conta. Ao longo do tempo, o que era cortina foi virando um tapete, cheio de almofadões, onde nos reuníamos para brincar, pintar e para ouvir histórias. Às vezes, o tecido passava a ser parede, e construía um forte ao ser colocado por cima da mesa. Noutras, era o tecido que nos unia, abraçados e cobertos de chita, enquanto um monstro, lá fora, fora do mundo, uivava. Como a moldura, no espaço *online*, pode ser construída?

## **Pandemia e a impossibilidade de estar junto: como o dispositivo se reinventa?**

Primeiramente gostaríamos de contextualizar como foi o processo para o retorno das Oficinas do Brincar em um novo *setting online*. Tivemos a nossa primeira e última oficina presencial do ano em meados de março, já com notícias sobre o Covid-19 pairando sobre nós e nos deixando em estado de alerta. No tempo de uma semana, a Clínica da UFRGS, junto a outros tantos estabelecimentos da cidade, teve suas atividades suspensas. Entramos em contato com as cuidadoras para informar a situação e suspendemos as Oficinas do Brincar por tempo incerto.

Em abril, uma dasicineiras, que também atende individualmente uma das crianças participantes das Oficinas e estava começando a atendê-lo por videochamada, escutou-a perguntar sobre as oficinas e o seu retorno: estava com saudades. Este questionamento foi o ponto de partida para marcarmos uma reunião e discutirmos essa demanda, pois percebemos o pedido pelo retorno desse espaço. Questionamo-nos também sobre as crianças que estavam sem a possibilidade de atendimento à distância e que, desde o fechamento do prédio, estariam sem suporte psicológico. Havia, ainda, a percepção de que atividades em grupo, presenciais, não poderiam acontecer tão cedo. Pensamos, assim, que era importante apostar na manutenção do grupo e da transferência construída nos encontros presenciais, mesmo que de forma *online*.

Marcamos uma reunião com toda a equipe das Oficinas na mesma semana, para apresentar os pontos levantados dessa conversa prévia, a realidade atual e, principalmente, as dificuldades que passavam a se apresentar. Discutimos a possibilidade de levarmos os encontros para o modo *online*, tentando organizar este espaço e prevendo possíveis dificuldades (por exemplo: a disponibilidade de aparelho e conexão para acesso à internet pelas famílias atendidas, disponibilidade de horário, etc). Decidimos, então, primeiro entrar em contato com os terapeutas que continuavam atendendo as crianças para avisar desta nossa aposta.

O próximo passo foi conversar com as cuidadoras para fazer uma escuta acolhedora, perguntar notícias das famílias e apresentar a nossa proposta. Percebemos que assim acabamos estipulando umaicineira de referência para cada família. Terminadas as trocas conseguimos marcar um primeiro encontro para conversarmos em grupo com as cuidadoras

já na semana seguinte, quando estas se mostraram bastante animadas com a ideia. Também foi possível ver alguns rostinhos das crianças ainda tímidos, mas curiosos. Percebemos todas abraçando essa ideia:icineiras, supervisoras, terapeutas, cuidadoras e, as mais interessadas, as crianças.

Nossas reuniões tanto deicineiras quanto de supervisão voltaram a ser semanais — à distância. Com a experiência desse primeiro encontro, conseguimos alinhar as nossas ideias e nos sentir confiantes em ter o primeiro encontro com as crianças em exatamente uma semana. Apesar de no formato presencial serem dois grupos acontecendo paralelamente, um com as crianças e outro com as cuidadoras, seguimos com cautela e decidimos que num primeiro momento era melhor focarmos no primeiro grupo.

O prédio do serviço-escola se transformou na sala virtual do *Google Meet* e essa adaptação do *setting* terapêutico ao contexto *online* novamente convocou asicineiras a inventar novas formas de interagir, brincar e materializar o que estava se constituindo. Alguns acordos foram feitos nos primeiros encontros, para facilitar nossas trocas, como desligar o microfone enquanto o outro estiver falando, fazer um sinal quando quiser falar — o que nem sempre funciona.

Ao ampliar e transformar o *setting*, adentramos na casa de cada criança e a tela dos *smartphones* possibilitou encontros inéditos com seus animais de estimação, brinquedos e seus lugares favoritos da casa. Elas estavam entusiasmadas ao compartilhar tantos elementos familiares e não deixavam de comentar para o que também conseguiam observar em nossas telas. Apesar de nossa preocupação sobre uma super-exposição, foi a partir dessas intervenções que percebemos a potência de poder contar com o que temos por perto para possibilitar essa distância acompanhada.

O apoio das famílias também vem sendo fundamental para o trabalho das oficinas *online*. Por isso criamos um grupo no *Whatsapp* para facilitar o fluxo de comunicação entreicineiras e as cuidadoras. Este grupo é gerido pelasicineiras e aberto um pouco antes do horário de início das oficinas, ou quando precisamos fazer uma enquete, tendo alguém disponível para acompanhar e responder.

### **Conexões em rede: tecendo uma história**

Depois de poucas oficinas no novo formato, surge uma ideia: escrever uma história em conjunto. Pensou-se em contar qual teria sido a oficina favorita, ou compartilhar de seus sonhos e/ou pesadelos. Até que se chegou na ideia de escrever uma história de terror e comédia no coletivo. E a essa ideia foram se aglutinando muitas outras: depois de escrever a ficção poderíamos, quem sabe, encená-la quando voltássemos para os encontros presenciais, ou cada um poderia desenhar uma parte da narrativa.

Aragon (2007) diz que não há como prever o efeito de uma intervenção, e que podemos trabalhar com as possibilidades da produção de cuidado. A leitura clínica se faz no relato das afeições produzidas nos encontros, sejam eles presenciais ou *online*. Aragon também fala de coletividade pelo “enlace do que somos com o que nos vive” (p. 86). Então comunicar-se com a intensidade dos encontros nos permite acesso ao território do outro.

Parece-nos que escrever uma história em conjunto se tornou uma forma de poder lidar com o terror do monstro externo, que não nos deixa ir para o serviço-escola, que não nos deixa ir para o colégio, que limita e assusta tanto as crianças, e a todos nós, nesse momento de pandemia. Assim, passaremos a utilizar algumas cenas como disparadores para reflexões que foram surgindo nesse novo setting.

### **Montando um enquadre: os monstros existem?**

*Estavam na oficina online quatro crianças e as quatroicineiras participando. Uma das crianças se lembra que, nos encontros presenciais, naquele prédio-dispositivo, tinha uma sala que era um porão. Será que existia um bicho-papão morando lá? Bom, mas a Clínica estava fechada. Mas, e nas nossas casas? Essa criança ia perguntando para alguns participantes — tem bicho-papão na casa de vocês com certeza? E, ao mesmo tempo, a história de terror e comédia estava sendo construída. Uma outra criança responde lhe acalmando: não, esses monstros não existem, os únicos fantasmas que têm são espíritos que minha prima vê.*

A investigação dessa criança e seu medo sobre o que existia ou não disparou nas oficinas a reflexão sobre como possibilitar aquele enquadre que tínhamos na clínica, com seus rituais e ritmos que demarcavam o que era brincar, o que era imaginação, o que era ficção e o que realmente existia. Como criar essa demarcação nesse *setting online*?

Após a discussão em equipe pensou-se em como trazer materialidade às elaborações relativas à história de terror e comédia. A fim de propiciar um enquadre mais delimitado para essas criações, propomos uma mudança no cenário de uma das oficinas: a construção de um “varal” onde se penduram ideias que vão surgindo para a história. Esse “varal” também nos ajudou a instaurar uma certa temporalidade particular das oficinas, uma vez que, ao final de cada oficina, passamos a retomar as ideias que tivemos para a construção da nossa história. Além disso, também permite uma continuidade entre oficinas de semanas diferentes, construindo um suporte coletivo, um terreno simbólico comum, em que as crianças que não participaram de uma oficina precedente têm acesso ao que foi produzido anteriormente.

Um engate, assim, é feito: não se apaga o que foi construído previamente em conjunto, mas uma criança pode trabalhar ali a partir da sua presença. Efeito de estar junto — mesmo à distância. A memória que assim se produz está carregada, tanto de experiências de vida quanto de afetos, que também estão presentes e se conversam nas intervenções. Constroem-se assim aberturas em uma experiência sensível através da transmissão de uma memória (ARAGON, 2007).

### **Mostrar ou “monstrar”? Quando os gatos entram em cena**

*À pergunta sobre o bicho-papão, uma das oficinas responde: "o único bicho que tem aqui em casa é o Bowie" e mostra um gatinho em seu colo. A oficina segue e a criança que antes questionava a todos sobre os bichos, agora focava sua câmera num gatinho preto aninhado em seu colinho, parecendo ser este agora um novo participante das oficinas.*

Trazemos aqui algo que para nós surgiu como um grande monstro: a exposição nossa enquanto pessoas, dando a ver algo para além do esperado no *setting* terapêutico. Em equipe, questionávamos em que medida mostrar nossos lares ao receber as crianças.



Decidimos seguir por um caminho atento e cauteloso. Damo-nos conta, nesse processo, ao observar as movimentações e mostrações que as crianças começam de pronto a fazer, que elas nos mostram um caminho para a montagem desse espaço *online*. Compartilhar seus objetos e criações é compartilhar lembranças vivas que fazem corpo. Na falta da dimensão que confere profundidade ao nossos corpos em cena — corpo esse que dá possibilidade ao brincar e se re-encenar — utilizamo-nos dos objetos na casa dos outros e das nossas próprias para construir essa consistência imaginária. De alguma forma, buscamos construir marcos pela inserção de objetos significativos na tela. O corpo é uma escrita de memórias e ritmos sobre uma superfície. Afetos que se marcam na carne. Mostrar algo de si através da câmera ajuda a construir uma consistência para oficinas.

Essas mostrações, do lado das oficinairas, já apareciam há muito nas proposições de brincadeiras presenciais, nos elementos que adicionávamos nas histórias, nos brincares. Elas fazem parte do enquadre enquanto abertura de possibilidades. Ao criar, o sujeito pode se relançar e se reposicionar, pode se sentir existindo. Levar o brincar a sério e sustentar sua importância na subjetivação diz de, enquanto oficinairas, podermos nos emprestar a essa vivência que pede passagem e elaboração. O corpo não mais nos pertence, mas sim é suporte de um fazer terapêutico. Em ato, uma narrativa se faz construir. Esse empréstimo em carne nos era rotineiro. É o que também entendemos enquanto a "falta-a-ser", que Lacan (1998) trabalha como a entrega do analista à cena que seu analisante reatualiza em transferência. E percebemos que nas oficinas *online*, na falta de um corpo consistente, os objetos através das telas nos auxiliam nessa construção imaginária do enquadre.

### **Premonições assustadoras e as bifurcações possíveis**

*Certa vez, uma criança contava sobre um filme que “dava dicas” sobre como os personagens iriam morrer. Ela destacava esses elementos para dar mais ideias sobre a história que estávamos elaborando e seus possíveis vilões. As outras crianças retomaram o assunto sobre a existência dos monstros. Junto a essas construções, percebemos que uma das crianças começou a escrever no chat, nos mostrando uma nova possibilidade de interação.*

Como acolher os múltiplos núcleos de convívio que se davam presencialmente? As crianças inventaram uma possibilidade nessa cena: pela bifurcação entre vídeo e *chat*, com duas linguagens diferentes. Essa brincadeira de se expressar ora pelo vídeo e som, ora escrevendo, trouxe a potência que percebíamos nos encontros presenciais, quando era necessário que nos dividíssemos enquanto oficinairas em diferentes frentes de interação, com as demandas diversas que as crianças traziam.

A experiência com o *chat* inaugurou mais um espaço para que outros acontecimentos pudessem transcorrer de forma simultânea. Possibilitou, assim, às próprias crianças o poder de escolher por qual caminho seguir brincando, seja com imagens (*emoticons*), palavras ou códigos inventados, experimentando novas formas de existir junto com os outros. Aragon (2007, p.118) discorre sobre um espaço virtual criado em conjunto, onde “intuição é então o contato que se estabelece a cada instante, com aquilo que não respeita a cronologia da consciência, tampouco a do processo primário (inconsciente) com a apresentação” de uma singularidade menos interessada nos significados do que na produção de sensações.

### **Brincando de esconde-esconde: a função do semelhante**

*Em uma oficina, uma das crianças “entrou” online alguns minutos depois, falou um pouco e disse que logo sairia porque sua bateria estava por acabar. Essa criança participa aparecendo e desaparecendo, mostrando algumas coisas de sua casa, depois mostrando uma mão, ou focando no teto de novo. Ela avisa que sairia da oficina, se despede. Alguns minutos depois, retorna para a reunião e sua cuidadora avisa que estava meio “rebelde”, sem querer aparecer. Outra criança, ao escutar esse comentário, dá outra visão: “ele não está rebelde, talvez esteja cansado”.*

A declaração de que a bateria estava acabando pôde ser traduzida como *cansaço* graças à leitura realizada pelo semelhante. Nossa aposta na heterogeneidade do grupo se fundamenta no quanto, ao brincar, uma criança empresta à outra o que lhe falta. Enquanto função do semelhante, elas compartilham um lugar discursivo comum desde onde falam: ser crianças. Para a criança que nos dava adeus, talvez sua bateria já estivesse quase no fim.

A responsável que o acompanha relança o pequeno a um espaço do qual ele já havia se despedido e o chama de "rebelde". Ao dizer que o colega não lhe parecia rebelde, mas sim "cansado", a criança intervém nos posicionamentos discursivos que estavam em cena. Sem um "fora" do discurso familiar — antes garantido pelas aulas escolares presenciais —, o espaço das oficinas do brincar *online* se torna, para algumas das crianças participantes, o único espaço em que encontram essa função do semelhante (TIUSSI, 2018).

### **Considerações finais**

Em março de 2020 não podíamos imaginar que o *layout* de uma página seria um dos elementos a compor o *setting* das Oficinas do Brincar. A diagramação digital, que se encarrega da distribuição de conteúdos audiovisuais e escritos de uma plataforma, agora se apresenta como recurso fundamental para dar passagem e moldura a todo o fluxo de um acontecimento clínico. Um pai entra pelo *link* errado e invade a oficina sem querer, como alguém que ao adentrar na sala errada de reuniões, ruboriza; oficineiras observadoras se diferenciam das demais quando desligam suas câmeras; a contação de histórias por um coletivo externo (que nos visita mensalmente) pode encontrar um novo palco usando o compartilhamento de tela. São novos desenhos e disposições de atenção e presença que nos permitem viver juntos nessa sala-polis.

Procuramos ao longo de nossa escrita compartilhar uma nova experimentação que se fez necessária nesse momento de pandemia — abrindo, talvez, novas possibilidades para um depois que ainda é desconhecido. Essas experimentações têm tanto de um conhecido, familiar, na medida em que nos baseamos em encontros que aconteciam presencialmente, quanto algo de uma sensação de estranhamento para nós: um grupo de crianças interagindo a partir de suas casas. As cenas apresentadas anteriormente marcam as diferenças existentes neste dispositivo transformado. Nesse sentido, percebemos no que esses encontros presenciais e *online* se aproximam e se afastam, buscando analisar a potência de vida que pode emergir com eles.

A reinvenção desse dispositivo se produz a cada encontro, em que vamos explorando, juntos em rede, novos territórios que possibilitam a escuta das infâncias. E que clínica e que intervenções seriam essas? É uma clínica voltada para os direitos humanos,

com foco nos direitos das crianças terem um desenvolvimento saudável, através da formação de vínculo, do coletivo, de uma linguagem que eles consigam se comunicar, do afeto mútuo, e que acolha suas subjetividades. Que procure habitar paradoxos e não resolvê-los. Com toda a tecnologia o simples ainda se faz perfeito e válido.

A construção de uma história de terror com comédia se mostrou um instrumento potente para dar voz e lugar às angústias experimentadas nesse momento de pandemia. Através dela percebemo-nos acolhendo uma narrativa terrorífica, com monstros “*vindos da China*” (uma criança nos conta desse monstro em uma oficina), com vilões terríveis, que atacam presencialmente, atacam nos sonhos e pesadelos, uma morte que assombra a si próprio e às pessoas próximas, das quais ainda são extremamente dependentes. E, diante da angústia de quem escuta, o que é possível nesse momento é poder acolher esse terror, suportá-lo e ficcioná-lo — agora em tela. Poder seguir na ficção da morte, dos monstros, parece-nos uma via possível.

É como temos lidado — hoje, em ambiente *online* — com o intempestivo aventureiro da infância nas duas dimensões de uma tela. Controles, descontroles, perigos, vertigens e continências que pensávamos só possíveis com a dimensão de profundidade dos corpos, atualmente encontram substrato na presença do analista: câmera ligada, olhar, microfone ativo, voz, palavras. Nesse momento, em que muitas considerações contrapõem realidade e virtualidade, gostaríamos de destacar que essa camada virtual sempre está presente, no sentido do *vir-a-ser* em potencial, um devir que sempre colocou a produção de diferença a trabalhar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAGON, L. E. P. *O impensável na clínica*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2007.
- KUPFER, C.M., VOLTOLINI, R., PINTO, F.S.C.N. O que uma criança pode fazer por outra? Sobre grupos terapêuticos de crianças. Em: KUPFER, M.C., PINTO, F.S.C.(orgs.). *Lugar de vida, vinte anos depois*. São Paulo: Escuta/FAPESP, 2010.
- LACAN, Jacques. A direção do tratamento e os princípios de seu poder. Em: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1998. p. 591 - 652.

TIUSSI, C. *Função do semelhante como fundamento do trabalho com as crianças em grupos: uma contribuição para os estudos sobre o desenvolvimento psíquico*. Tese de Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2018. pp. 200.